

BASES PARA UM CASAMENTO EQUILIBRADO

Apresentado pelo Pr. Isaltino Gomes Coelho aos casais da IB do Cambuí, em 1 de maio de 2004, no Espaço Cambuí

Pediram-me para abordar o assunto de hoje a partir de uma frase que tenho usado em muitas palestras: “o que segura um casamento não é cama, mas sofá”. Com esta frase, preciso dizer logo de saída, não defendo um casamento platônico, mas reconheço que o sofá, símbolo não apenas do diálogo, mas do bate-papo, da camaradagem, é que mantém as demais áreas da vida conjugal mais coloridas. Até mesmo a vida sexual se tornará rotineira e sem alegria se não houver convivência de sofá. Não somos cães, que se regem por instinto. Os cães, quando têm vontade, agarram a primeira fêmea que aparece. Isto é meio, se não uns setenta e cinco por cento (ou mais), animalesco. Sexo está ligado à ternura, à camaradagem, ao desejo de desfrutar daquela companhia em todos os momentos. É aquela experiência fantástica de após muitos anos de casados os dois poderem se olhar nos olhos e dizerem: “É você que eu quero, e não outra pessoa”. Não é querer os amigos de futebol ou de bar ou amigas de conversa o tempo todo e à noite procurar o cônjuge. É aquele sentimento de “você me completa”, “você me faz falta”, “sem você nada tem sentido”. Isto é o que entendo por sofá: a necessidade do outro, a vontade de estar com o outro, de desfrutar sua companhia, surtir sua presença. Quanto mais amigo, mais “grudento” (no sentido de querer a companhia e estar junto do outro) for o casal, melhor será o seu entendimento, o seu nível de sofá. E este grude só pode vir mesmo através do entendimento. Há casais que são apenas sócios numa empreitada conjugal, onde há móveis, casa, filhos, um cachorro, um ou mais carros, etc., em comum, mas que parecem não se importar muito se o outro está perto ou não. É uma pena. Perdem a essência do casamento. Uma das experiências mais fantásticas que podemos ter é amar alguém e ser amado por este alguém. Ser aceito, ser compreendido, saber que aquela pessoa nos faz falta e poder dizer como uma música tão bonita de Joana, “Estou fazendo falta para você”. Ou, em outra música de Chico Buarque, “ó metade arrancada de mim”.

Um casal que tem comunhão de sofá é aquele que tem prazer em andar juntos, ler o mesmo livro, ver o mesmo filme, que partilha os mesmos interesses, onde um assimila o outro. A visão da vida é a mesma e os dois têm prazer em curtir a vida a dois. Os filhos são bem-vindos, mas nunca atrapalham a comunhão dos dois.

Dificilmente um casamento avançará rumo à felicidade completa se os cônjuges não forem amigos, amigos de verdade. Esta amizade extrapola as áreas da sexualidade e permeia a vida em geral. Chega a vir aquela sensação, quando se viaja ou quando se está longe da pessoa amada, de que nada ali tem valor se a outra pessoa não estiver ali do lado. Isto não é coisa de adolescente deslumbrado. É de “coroa”, de gente madura, mas que ama e que é amada. Pessoalmente tenho fugido de contatos para trabalhos no exterior que demandariam quinze dias fora de casa. A questão é muito simples: na minha atual fase de vida não tenho estrutura emocional para ficar longe de Meacir nem por três dias, quanto mais por uns vinte, incluindo os dias de viagem.

Mas não basta sentar no sofá e dizer um para o outro “Vamos conversar”. Isto não resolve. Geralmente intimida e já cria barreiras na sua simples enunciação. Na realidade, tal frase é sinal de crise. Há casais que têm a mania de por qualquer coisa “discutir a relação”, mais um palavrório vazio e empolado. Sofá não é, necessariamente, sinônimo de falar. Para muita gente, o que interessa é falar. Quando há entendimento, muitas vezes nem se precisa falar. Eu era adolescente de 15 ou 16 anos e vi Pelé e Coutinho jogarem, pelo fabuloso e incomparável Santos, no Maracanã. Um sabia onde o outro estava e o que o outro faria. Pareciam ler os pensamentos do outro. É disto que falo, de entendimento, mesmo que sem palavras, sem muito blábláblá.

Tudo bonito, tudo romântico, tudo poético. A questão é: “como se chega lá?”.

Não se chega lá por acidente. Isto demanda trabalho, muito trabalho. *Em primeiro lugar, é preciso “desinvestimento”*. Explico o que quero dizer com isto. Geralmente investimos muito em nós mesmos, criando uma auto-imagem que nos dê uma certa estrutura, formando nossas expectativas, criando um padrão no qual nosso cônjuge deve se encaixar. Quando casamos temos expectativas sobre como o nosso cônjuge deve proceder. A cultura do sofá significa colocar o outro em lugar de destaque. Mantendo a metáfora, colocá-la no melhor lugar do sofá. O cônjuge precisa ser amado, respeitado, e nele precisamos investir, mais do que em nós. “Desinvestir” significa parar de investir em si próprio. Significa colocar a outra pessoa em primeiro lugar, buscar o bem dela. Muitas pessoas têm um ego muito forte e têm medo de serem dominadas pela outra parte. Principalmente os homens. Algumas mulheres acham que isto é ser subserviente, e o tempo de “Amélia, a mulher de verdade”, já passou. Tento exemplificar. Um prato que gostamos de fazer em casa é arroz branco com polenta, quiabo e bacon (torresmo é coisa de pobre). Um dia desses Meacir fez o prato. Estávamos almoçando no quarto, vendo o noticiário, e comentei que faltava um ovo frito. No intervalo, Meacir se levantou, foi e fritou o ovo. Disse que não era preciso, eu podia ficar sem o ovo ou podia eu mesmo fritá-lo. Esta foi a resposta: “A relação custo e benefício compensa”. É uma questão simples. “Desinvestir” em si e investir no outro é investir muito mais em si porque é investir no outro, o que sempre traz retorno. E deixem-me tirar a imagem de ganho e perda. Isto é uma metáfora. Num casamento em que o sofá é bem empregado, ninguém ganha às custas da perda alheia. Os dois ganham.

Em outras palavras, não se constranja de amar, de servir, de fazer o melhor para seu cônjuge. Quero lembrar a poesia de Adélia Prado, da qual já fiz uma pastoral de boletim:

Há mulheres que dizem:
Meu marido, se quiser pescar, que pesque,
Mas que limpe os peixes.
Eu não. A qualquer hora da noite me levanto,
Ajudo a escamar, abrir, retalhar, e salgar.

É tão bom, só a gente sozinhos na cozinha,
De vez em quando os cotovelos se esbarram,
Ele fala coisas como “este foi difícil”,
“Prateou no ar dando rabanadas”
E faz o gesto com a mão.

O silêncio de como nos vimos a primeira vez
Atravessa a cozinha com um rio profundo.
Por fim, os peixes na travessa, vamos dormir.
Coisas prateadas espocam:
Somos noivo e noiva.

Se você ama sua esposa ou seu esposo, não se envergonhe de demonstrar isto, de provar isto, de mostrar nas pequenas coisas. Na capacidade de servir-lhe. Há mulheres que são incapazes de fazer um cafezinho para o marido (“ele que se vire”) e maridos que são incapazes de lavar a louça (“isso é coisa de mulher”). Que pena! Como perdem!

Em segundo lugar, o uso do sofá implica em adaptação. O casamento implica em mudança radical de vida. Isto é banal, terrivelmente acaciano, típico do personagem de Eça de Queirós. Mas há muito segredo oculto por trás deste conceito. Via de regra, queremos que a outra pessoa se adapte a nós. Ora, no casamento não vamos nos impor a uma pessoa, mas repartir a vida com uma

pessoa. Repartir significa partir e não impor. Precisamos aprender a abrir mão de muitas coisas e aceitar outras. Apenas questões culturais. Precisamos entender que há uma pessoa à qual devemos nos adaptar e não apenas ela se adaptar a nós. Não se pode mais dizer “Sempre fiz assim” ou “Sempre fui assim”. A questão mais acertada é como teremos que fazer e como teremos que ser agora. Às vezes, um cônjuge é tipo “coruja”. Dorme tarde ou passa a noite em claro. E só vai dormir de madrugada. A outra é tipo passarinho. Dorme cedo e acorda cedo. Os dois terão que chegar a um acordo. Adaptação só sucede quando se faz concessão. Adaptamos nossa vida à do escritório, à rotina da fábrica, dos estudos. Não deve ser tão difícil adaptarmo-nos a uma pessoa com quem vamos repartir a vida. Adaptar-se não é sinal de fraqueza, mas de inteligência. Implica em capacidade de analisar, de decidir e de disciplinar-se para alcançar uma meta.

Erra a pessoa que tenta produzir um clone seu no matrimônio. Esta não é a melhor política. É óbvio que os dois terão que ceder, mas não na base de cobrança, e sim na do instinto, de saber até onde pode ir e o quanto deve ceder. E é uma cessão que tem seu grande mérito quando é feita por amor à pessoa.

Esta questão de ceder também carece de explicação. Não é capitular, como se fosse algo vergonhoso ou uma rendição moral, em que abdicamos de padrões. Significa que, se admiramos uma pessoa (devemos admirar a pessoa com quem casamos) devemos admirar alguns aspectos de sua vida. E querer ser iguais a ela em muitos desses aspectos. Não se deve presumir que perderemos nossa individualidade ou seremos depreciados por querer ser como a outra ou render-nos a alguma traço seu. Na realidade, ganharemos muito.

Esta adaptação produz *um terceiro atributo, que chamo de assumir novos papéis*. O sofá nos esclarece sobre novos papéis a viver na vida. Vivemos vários papéis na vida. Isto sem sermos hipócritas. Vive-se um papel na Escola de Cadetes, mas vive-se outro em casa e outro na igreja. O tenente-coronel Adauto não será o tenente-coronel em casa. Será o marido, será o pai. Parece que vive o mesmo papel na Escola de Cadetes e na igreja, pelo que ouvi. Na Escola carrega-a nas costas. Na igreja também. Mas a maneira de se relacionar muda. Sou pastor na igreja e em casa, mas em casa meu papel é de pai e de marido. No casamento assumimos novos papéis. Passamos a ter alguém de quem cuidar, sejamos o marido ou a esposa. Mas a mocinha, toda dondoca, quer continuar como dondoca, paparicada, e que o marido seja como o papai, tratando-a como princesinha mimada. Não assume o ônus de dona de casa nem que tem um marido para cuidar. O rapaz não é mais o queridinho da mamãe, mas é o chefe da casa, precisa tomar decisões. E tem uma mulher para tomar conta. Boa parte dos problemas conjugais reside nesta falta de entendimento de novos papéis. Casar é viver nova vida.

Na atual estrutura da sociedade, os jovens, principalmente os de classe média, são muito mimados. Como tenho dito, os jovens têm todos os direitos e nenhum dever, e seus pais têm todos os deveres, e nenhum direito. Assim, muitos casais jovens entram no casamento pensando em direitos. Quem tem boa experiência de sofá sabe que os direitos devem ceder aos deveres. É preciso muito entendimento, muito sofá, para colocar seus pretensos direitos para trás de seus reais deveres.

Uma questão mais: sofá é diálogo, diálogo em sua expressão mais profunda, e diálogo não significa os dais falarem. “Diálogo” significa “através da palavra” e não “duas palavras”. Porque às vezes o diálogo acaba sendo duas palavras que nunca se tangenciam. Por vezes há muito falatório e nenhuma conclusão. A tal de “discutir a relação” muitas vezes leva a discussões que acabam com a relação. Há um verdadeiro diálogo quando há busca de um acordo, de um estilo de vida comum, através do entendimento, da verbalização, que pode nem ser oral, mas gestual, de *insights*, de compreensões. Em outras palavras, os dois apostam numa caminhada sinérgica. *Sinergia* é uma palavra grega que significa “cooperação”. Era usada, em português, para designar a “associação de

vários órgãos no cumprimento de determinada função fisiológica”. Em Administração e Recursos Humanos passou a designar a “associação de vários fatores que, contribuindo para uma ação ordenada, aumentam sua eficiência”. Sofá é esta busca sinérgica na caminhada conjugal. Os dois não são competidores, mas companheiros, amigos, cúmplices. Isto implica no mais profundo diálogo que se pode ter, e até mesmo sem palavras: os dois olharem juntos, de mãos dadas, o horizonte diante de si, vendo a estada que devem percorrer e fazê-la em colaboração.

Num casamento sinérgico, as duas partes não têm propósitos individuais desligados do outros. Há individualidade até mesmo porque muitas vezes os dois têm profissões diferentes e, consequentemente, alvos profissionais. Mas a caminhada é sinérgica, dialogal, de mãos dadas, com o mesmo horizonte e com o mesmo roteiro. Em outras palavras: não ande sozinho, não trace metas sozinho, compartilhe sua vida e não apenas a cama com o cônjuge.

A esta altura já tinha lido e relido esta palestra várias vezes. Saltou aos meus olhos que não tinha usado um versículo bíblico sequer. Resisti à tentação de inserir um só para dizer que citei a Bíblia. Não preciso provar para ninguém que respeito a Bíblia. Mas tudo que disse até agora é questão de bom senso. Não é antibíblico. É bíblico. Somos exortados a viver em paz com todos. Incluindo aí nesse “todos” a nossa esposa ou nosso marido. E isto é sofá: viver em paz e em amor com o cônjuge que escolhemos sob orientação de Deus. Que saibamos fazê-lo.